

# COMO INCORPORAR A MÍDIA/TICs NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA ANÁLISE DAS PROPOSIÇÕES VEICULADAS NA *REVISTA NOVA ESCOLA*

*How to incorporate the media/ICT in Physical Education  
classes: an analysis of the proposals conveyed in the  
Nova Escola journal*

**RESUMO** Esta pesquisa, de caráter documental-descritivo, procurou identificar e analisar na *Revista Nova Escola* (RNE), publicada pela Editora Abril, reportagens que tematizaram o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) na Educação Física escolar (EF). Durante o período de junho de 2009 a junho de 2010, foram identificadas sete reportagens, sendo quatro delas oriundas do material impresso e três observadas no site da RNE. Após a coleta e organização dos dados, o material analisado permitiu que se constatasse que a concepção utilizada pela RNE enfatizou as questões instrumentais da mídia e das TICs nas aulas de EF, apresentando, por vezes, proposições – embora limitadas, considerando-se o que é preconizado pela mídia-educação – quanto à análise e uso de vídeos e materiais impressos nas aulas. Assim, mesmo que consideremos certo “avanço” no fato de a revista pesquisada trazer tais discussões/proposições também para a EF, cabe aqui uma crítica à forma como isso está se materializando (sua ênfase nos aspectos técnicos/instrumentais em detrimento da dimensão crítica, ativa e produtiva), ao mesmo tempo em que sugerimos um olhar mais amplo sobre as questões da “mídia-educação” no que se refere à apreciação da cultura esportiva, às questões discursivas da mídia e à mediação pedagógica nas aulas de EF.

**PALAVRAS-CHAVE** REVISTA NOVA ESCOLA; MÍDIA-EDUCAÇÃO; EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

**ABSTRACT** This descriptive-exploratory study has attempted to identify and analyze the “Nova Escola Magazine” articles – published by Abril - on the use of information technology and communication in Physical Education (PE) in elementary school. Seven reports were found in the period from June 2009 to June 2010, four of which in the printed magazine and three in the RNE website. After collecting and organizing the data, all the material undergone content analysis, which allowed us to realize that the conception used by the “Nova Escola Magazine” emphasized the instrumental dimension of media and technology (the use of technology as a didactic resource) in PE classes, sometimes presenting propositions, although limited – considering what is advocated in Media Education – for the analysis and use of videos and printed materials in classes. Thus, while considering some advance in the fact that the magazine brought up such discussions and propositions also for PE, it is relevant to make a critique on how this is happening (the emphasis on the technical/instrumental aspects over the critical, active and productive dimension). At the same time, we suggest a broader outlook on the issues of Media-education regarding the assessment of sporting culture, the discursive issues of media and the pedagogical actions in PE classes.

**KEYWORDS** NOVA ESCOLA MAGAZINE; MEDIA EDUCATION; PHYSICAL EDUCATION.

**DIEGO DE SOUSA MENDES**  
Universidade Federal de São  
João del-Rei (DCEFS/UFSJ)  
[diegomendes20@yahoo.com.br](mailto:diegomendes20@yahoo.com.br)

**CRISTIANO MEZZAROA**  
Universidade Federal de  
Sergipe (DEF/CCBS/UFS)  
[cristiano\\_mezzaroba@yahoo.com.br](mailto:cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, com a disseminação dos aparelhos televisores e do acesso à internet, associada ao maior poder de consumo dos brasileiros nas últimas décadas, vemos emergir, cada vez mais, a veiculação indiscriminada de informações de todas as qualidades e gêneros. Aos professores de Educação Física (EF), além dos saberes advindos de suas histórias e experiências de vida, de sua formação profissional nos cursos de graduação e pós-graduação, soma-se uma infinidade de conteúdos oriundos de noticiários e transmissões esportivas, programas de televisão e revistas “especializadas” nas temáticas da qualidade de vida e saúde, emagrecimento e beleza etc.

Mesmo os discursos pedagógicos sobre a atuação do professor de EF na escola fazem-se presentes nos meios de comunicação de massa, geralmente de maneira reducionista e limitada, anunciando concepções sobre essa área, as formas de ensino, os objetivos no campo escolar (associado, geralmente, ao desenvolvimento de habilidades esportivas – “celeiro de atletas” – ou à propagação de formas de agir saudáveis, segundo as formulações da chamada *agenda da vida ativa*, que objetivam um *estilo de vida saudável*) etc.

Ainda no plano da propagação de informações sobre a esfera do pedagógico e do educativo, outro tema que ganha destaque é o das tecnologias de informação e comunicação (TICs) nas escolas. Se vivemos na sociedade da informação, é necessária uma educação com as tecnologias informacionais e para o uso destas, bem como de seus conteúdos (cf. FERRÉS, 1996). Deste modo, programas televisivos, livros, manchetes, reportagens e matérias de jornais, revistas e conteúdos da internet são inteiramente destinados à divulgação do uso das TICs nas escolas.

Cada vez mais, a mídia nos mantém informados sobre os novos produtos da chamada informática ou tecnologia educacional (cf. BELLONI, 2001), ao passo que também veicula novas formas de ser professor e de como a escola deve estar em sintonia com a

tecnologia. O que observamos é que, na mídia comercial e não especializada, as informações a respeito da tecnologia educacional são preponderantemente relacionadas à questão mercadológica, que permeia tal discussão. Ou seja, por trás de uma escola tecnologicamente atualizada há empresas abastecendo essas “novas demandas”<sup>1</sup> educativas, quase sempre creditadas pelos cofres públicos.

Contudo, nem todo discurso sobre o uso das TICs na educação está circunscrito à lógica do consumo e do uso alienado desses bens. Desde os anos 1970 vem se desenvolvendo, no mundo inteiro, um novo campo de saber e intervenção denominado “educação para as mídias” (BELLONI, 2001), ou “mídia-educação” (FANTIN, 2006). Nessa perspectiva, mais do que equipar as escolas com alta tecnologia, seus “objetivos dizem respeito à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação” (BELLONI, 2001, p. 12). Sendo assim, o desafio primordial consiste em formar um usuário, crítico e autônomo, dessas tecnologias, bem como de suas mensagens, não restringido a atuação educativa apenas às questões instrumentais, ou seja, de uso e apropriação técnica de determinado instrumento/veículo tecnológico.

Na EF, a produção acadêmica sobre o uso das TICs na formação de receptores críticos de mensagens midiáticas sobre a cultura de movimento<sup>2</sup> tem aumentado significativamente. Ao menos é o que aponta o estudo realizado por Azevedo *et al.* (2008), que analisou os dez anos de produção do Grupo de Trabalho Temático Educação Física, Comuni-

<sup>1</sup> Há uma preocupação cada vez maior de empresas multinacionais “ocuparem” com seus aparelhos e hardwares o interior das escolas, o que garante uma dupla venda: primeiro para as escolas, que de alguma maneira iniciam o contato das crianças e jovens com o uso de computadores e internet, e, em seguida, a continuação desta venda para outras esferas, como a casa.

<sup>2</sup> Segundo Kunz (2005), *cultura de movimento* é a representação e prática das inúmeras atividades (brincadeira, jogo, ginástica, esporte, danças e lutas) que os indivíduos de diferentes contextos sociais e culturais realizam, valendo-se do movimento humano como expressão comunicativa e produtiva.

cação e Mídia do Conbrace.<sup>3</sup> Nesse estudo, foi evidenciado o aumento das pesquisas que se dedicam a elaborar/relatar intervenções pedagógicas com uso/tematização das TICs nas aulas de EF. Este fato revela a preocupação da área em propor ações educativas com o uso das TICs, visando à formação crítica de seus alunos, especialmente no que tange à recepção de informações sobre a esfera esportiva, da qualidade de vida e saúde, atividade física e estética e, mais recentemente, sobre o impacto dos megaeventos esportivos.

Contudo, a divulgação desses estudos ainda é escassa, sendo realizada primordialmente em eventos acadêmicos e periódicos científicos, que, sabemos, infelizmente, são canais pouco acessados pelos professores de EF escolar. Entretanto, na chamada imprensa didática, ou imprensa educacional, o enfoque sobre a EF tem ganhado espaço.

Este tipo de imprensa, conforme Beurier (apud CATANI; BASTOS, 2002, p. 06) refere-se ao:

conjunto de revistas que, destinadas aos professores, visam principalmente guiar a prática cotidiana de seu ofício, oferecendo-lhes informações sobre o conteúdo e o espírito dos programas oficiais, a condução da classe e a didática da disciplina.

Nessa imprensa especializada, especialmente na *Revista Nova Escola* (RNE), da Editora Abril (principal revista na área educacional do País), matérias sobre o uso das TICs em aulas de EF têm sido identificadas, demonstrando o interesse desse impresso pela te-

mática. Diante desse fato, o presente estudo propõe-se a identificar e analisar a produção da *Revista Nova Escola* no que se refere às suas publicações sobre o uso das TICs na Educação Física. O objetivo do trabalho é refletir sobre a concepção e as proposições veiculadas na RNE a respeito da mídia-educação (ME) e EF.

Com relação aos procedimentos metodológicos, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo documental-descriptivo (cf. TRIVIÑOS, 1987), pois envolve a descrição interpretativa com abrangência e detalhamento sobre os fatos do fenômeno ou de determinada realidade. Para realização da pesquisa foi feito, num primeiro momento, um levantamento das matérias que versavam sobre EF e uso de TICs, ou tematização da mídia, em todas as seções da revista e do site da RNE,<sup>4</sup> delimitando-se o período de junho de 2009 a junho de 2010.

## **SOBRE A REVISTA NOVA ESCOLA**

O surgimento da *Revista Nova Escola* (RNE) tem, em suas origens, marcas do que a autora Lúcia Santaella (2003, 2007) conceitua como *cultura midiática*. A autora defende que há uma diferença entre “cultura de massa” e “cultura midiática” que impacta diretamente na configuração do que alguns autores denominam novas mídias.

Segundo a autora, a ideia de “massa” refere-se a um rebaixamento que se faz dos conteúdos culturais, mensagens e informações para um receptor médio, abstrato, buscando a popularização desses e a adesão sem resistências do público. A cultura midiática, por sua vez, está ligada à sobreposição/fusão/hibridização dos instrumentos de comunicação às diferentes linguagens (fazendo uso conjugado de fotografias, textos, gráficos, áudios, ilustrações, tiras etc.) e gerando conteúdos mais individualizados para cada segmento do mercado, divididos conforme as identificações de gêneros, etnias, gostos e, até mesmo, de perfil profissional, bem como pertencimento a determinada classe social.

<sup>3</sup> O Conbrace (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) é um evento realizado a cada dois anos, promovido pelo CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, reunindo pesquisadores, professores, acadêmicos e a comunidade da EF e áreas afins. Sua estrutura interna conta com 13 GTTs (Grupos de Trabalhos Temáticos), dentre eles o de “Comunicação e Mídia”, cuja produção e veiculação do conhecimento está centrada nos aspectos comunicacionais e midiáticos da sociedade contemporânea.

<sup>4</sup> <http://revistaescola.abril.com.br/>.

Assim, como nos informa Ramos (2009), a RNE surge em março de 1986, sendo a sucessora de uma revista publicada pela Editora Abril durante a ditadura militar, segmentada para os professores, denominada *Revista Escola para Professores*, conhecida como ESCOLA. Após o fracasso dessa publicação, que tinha como finalidade apresentar a “nova concepção de escola e de ensino” (REVISTA ESCOLA PARA PROFESSORES, 1971, p. 3) definidas no período da ditadura ao público-leitor, surge a RNE, em março de 1986.

A RNE foi criada em parceria com a Fundação Victor Civita, órgão pertencente à Editora Abril. É mantida com recursos de seu próprio fundador, Victor Civita (a partir de nota deixada em seu testamento que prevê dotação orçamentária para essa publicação), além de contar com uma participação orçamentária anual feita pela Editora Abril. A revista ainda conta com subsídios do Governo Federal e instituições públicas (como os Correios), recursos provenientes da publicidade e de empresas privadas.

Em seu primeiro editorial a revista anuncia suas intenções iniciais, com as seguintes proposições:

graças ao apoio financeiro de algumas empresas privadas e do Ministério da Educação, que assinou contrato com a Fundação Victor Civita (entidade sem fins lucrativos), através do qual cada uma das 220.000 escolas públicas de 1º grau existentes no país receberá, mensalmente, de março a junho e de agosto a dezembro, um exemplar de NOVA ESCOLA. (REVISTA NOVA ESCOLA, 1986).

Em virtude da parceria estabelecida com o MEC, a produção da revista conta com verba pública, tendo a Editora Abril, em contrapartida, a tarefa de distribuir gratuitamente a RNE às escolas públicas do Brasil. O convênio inicial entre o MEC e a revista previa que esse último arcasse com 70% do custo de produção. No entanto, segundo Ramos (2009), durante

o governo Collor, o convênio entre o MEC e a Fundação Victor Civita não foi renovado, resultando na redução drástica da tiragem, de 370 mil para 4 mil impressões, demonstrando a importância do subsídio estatal para a revista. O convênio foi retomado no final de 1992, conforme aponta Costa (2000), tendo a editora o compromisso do envio de um exemplar para cada escola urbana.<sup>5</sup> Isso chama atenção, gerando certo questionamento do porquê de as escolas do campo não receberem as publicações da RNE. Justamente os lugares mais longínquos, que mais carecem de incentivo e mobilização para concretizar a educação de alunos, em contextos diversos e distantes das formas urbanas, em função do acesso dificultado, são excluídos.

Atualmente, a RNE é editada em São Paulo e tem periodicidade mensal. Até o ano de 1997 circulou em nove edições anuais e, a partir de 1998, tem circulado em dez edições por ano (nos meses de julho e janeiro não há edição da revista, em virtude do período de recesso, que, salvo exceções, ocorre de maneira generalizada em todo Brasil).



FIGURA 1 – Capa da RNE

<sup>5</sup> Após a retomada do convênio estatal a revista consegue recuperar e superar sua antiga tiragem, estendendo sua distribuição até ocupar o segundo lugar no ranking nacional de revistas, ficando atrás apenas da revista *Veja*. Disponível em: <http://publicidade.abril.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2011.

Os indicativos da editora apontam que a revista teve uma tiragem, em março de 2010, de 538.492 unidades, contando com 376.214 assinaturas e 54.383 vendidas avulsas,<sup>6</sup> além de ter atingido a marca de 1.080.000 leitores<sup>7</sup> em 2009.

Sobre o perfil dos leitores da RNE,<sup>8</sup> o site da revista informa que a maior parte é do sexo feminino, seja no formato impresso ou eletrônico, e a maior parte dos leitores situa-se nas classes B (57%) e C (29%), evidenciando que se trata de um público, eminentemente, de classe média e classe média alta. A distribuição da revista também merece destaque, pois a maior parte deste produto circula na região Sudeste do País (50% da tiragem). A região Nordeste consome cerca de 22% da tiragem e a região Sul apenas 15%. Há baixos índices de distribuição da RNE nas regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil.

Assim, à guisa de uma conclusão preliminar, podemos aferir que o projeto *Nova Escola* parece cumprir sua função de disseminar formas de ser e pensar a educação de maneira muito próxima ao discurso oficial do MEC, apresentando matérias contemporâneas e sugestões de atividades a serem implementadas na escola. Por outro lado, a revista torna-se, em alguns aspectos, fugaz, pois tende a dissolver os problemas da educação brasileira em uma visão harmoniosa de escola em que professores, alunos, comunidade e governo trabalham em nome de um mesmo objetivo, a “educação de qualidade”, desconsiderando os diferentes contextos geográficos, sociais, políticos e culturais.

## MÍDIA-EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Para realização deste estudo, baseamos-nos em Fantin (2006), que propõe um enten-

dimento da ME como um campo peculiar em que se integram “teoria e prática de fazer-refletir educação com os meios, através dos meios e sobre os meios” (Ibid., p. 100) e tendo como enfoque principal o pensamento crítico. O que Fantin busca, baseada no pesquisador italiano Rivoltella,<sup>9</sup> é a superação de qualquer dicotomia entre o uso da mídia como *ferramenta pedagógica* e *objeto de estudo*, sintetizando ambos no termo “*mídia-educação*”. Esta perspectiva concebe, portanto, explicitamente, que a ME tem o papel fundamental de fomentar a apreciação estética da cultura, a criatividade e a experimentação de possibilidades expressivas diversas com a tecnologia audiovisual, por meio da produção midiática (fazer mídia) e a reflexão sobre a cultura e ambiguidade das discursividades midiáticas.

A autora em questão não somente fornece uma definição mais completa, como também evidencia seu entendimento a respeito do significado da tão falada dimensão crítica da ME:

Tal pensamento crítico se traduz em duas dimensões: uma significa a capacidade de metarreflexão (saber do saber, ter consciência da estratégia que utilizou e colocar isto em jogo quando conhece) e a capacidade de questionamento (saber fazer perguntas, pois quando se faz perguntas se compreende a questão); e outra que significa a capacidade de saber fazer análise de textos (analisar, refletir, apreciar, comentar) e a produção (fazer mídias através de aprendizagem colaborativa, de resolução de problemas e de co-investigação). (FANTIN, 2006, p.100)

Por tais motivos, Fantin (2006) parece expor uma concepção de ME mais completa,

<sup>6</sup> Fonte: IVC mar/10 – Instituto Verificador de Circulação. Disponível em: <http://www.ivc.org.br/>. Acesso em: 20 jun. 2010.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://publicidade.abril.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2010.

<sup>8</sup> Todas as informações e gráficos apresentados em relação ao perfil do leitor foram extraídos do site <http://publicidade.abril.com.br>, a partir das seguintes fontes: Fonte Sexo - Marplan consolidado 2009/ Fonte Classe Social - Marplan consolidado 2009 / Fonte Região - IVC consolidado 2009. Acesso em: 22 jun. 2010.

<sup>9</sup> Uma entrevista com este pesquisador italiano, falando sobre a *mídia-educação*, pode ser conferida em: [http://www.labomidia.ufsc.br/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=53&Itemid=126&limitstart=6](http://www.labomidia.ufsc.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=53&Itemid=126&limitstart=6). Acesso em: 18 jun. 2010.



principalmente por articular o termo ao que ela própria denominou 4“C”s, ou seja, a ME como campo de fomento à cultura, crítica, criação/criatividade e cidadania.

Quando se fala de ME, portanto, não se está referindo a uma mera incidência das TICs na escola, ou mesmo de sua utilização técnica neste âmbito, mas, ao contrário, trata-se de um campo definido para a construção de um olhar e de uma expressão crítica e autônoma da cultura midiática.

Considerando que é tarefa da escola mediar criticamente a cultura da mídia em seu âmbito, seja pelo fato de ela exercer uma forma de pedagogia cultural ou, ainda, pela simples razão de que a cultura dos meios é a linguagem mais próxima das gerações atuais, esta problemática afeta de modo muito específico as diversas áreas e disciplinas que compõem a estrutura escolar. Sendo assim, é perceptível a incidência da cultura da mídia na totalidade do âmbito escolar, incluindo-se aí a EF.

Os agentes da instituição escolar podem até não perceber, mas, de fato, cada vez mais, alguns dos elementos da EF, especialmente o corpo e os esportes (mas não apenas eles), têm se apresentado marcados pela cultura da mídia, nos corredores, pátios, ginásios e salas de aula. Basta um passeio por qualquer escola e rapidamente veremos crianças e jovens utilizando indumentárias típicas do universo esportivo, como camisetas dos consagrados times de futebol, roupas grandes e largas, características dos skatistas ou dos jogadores de basquete de rua, isto sem falar nos tênis com amortecedores exorbitantes, desenvolvidos para superar os mais altos graus de impacto sofridos, especialmente nos campos de batalhas esportivas. E não são apenas as indumentárias; boa parte das discussões que preocupam os estudantes refere-se à busca por um corpo “sarado”, às dietas alimentares lançadas pelas revistas, à nova aventura em meio à natureza anunciada na TV, ou mesmo as imitações de hits e danças que se popularizam, propagando certa vulgaridade nas crianças e jovens, entre outros.

Assim, imersos na cultura da mídia, a população em geral tem constituído seus saberes a respeito do campo da EF, também de forma desorientada, a partir de um tipo de conhecimento dispersivo, compartimentado, sem contexto e incoerente. Tais saberes são levados pelas crianças e jovens para a escola e para as aulas de EF, exigindo desta disciplina uma nova competência, qual seja, de mediar este processo de construção de conhecimentos acerca da cultura de movimento em diálogo direto com as informações da mídia.

É a partir deste contexto que a área de Educação Física tem se proposto a pesquisar as inter-relações entre os discursos da mídia e os fenômenos da cultura de movimento,<sup>10</sup> bem como as possibilidades de intervenção possíveis, no campo escolar, com o uso/tematização das mídias nas aulas dessa disciplina. Nos últimos anos, os estudos nessa temática têm aumentado e se tornado mais complexos, conforme apontam pesquisas publicadas por Pires (2007) e Azevedo (2008). Entre os diferentes estudos realizados, são evidentes as pesquisas de análise de produtos da mídia, os estudos de recepção e as pesquisas de mediação/interlocução escolar (cf. MEZZAROBIA et al., 2010).

De forma geral, é possível caracterizar as pesquisas de análises de produtos da mídia como aquelas que se preocupam em compreender como são produzidas e veiculadas, nas mídias, narrativas e/ou representações simbólicas sobre determinadas manifestação da cultura de movimento, que difundem, e até mesmo constroem, imaginários sociais sobre essas práticas. Já as pesquisas de recepção detêm um enfoque mais específico sobre os

<sup>10</sup> A cultura de movimento, segundo Kunz (2001), é o espaço onde a Educação Física insere-se a fim de buscar seus conteúdos para suas intervenções pedagógicas e seus fazeres profissionais. Nas palavras do autor “a cultura de movimento significa inicialmente uma conceituação global de objetivações culturais, em que o movimento humano se torna o elemento de intermediação simbólica e de significações produzidas e mantidas tradicionalmente em determinadas comunidades ou sociedades”. (DIETRICH apud KUNZ, 2001, p. 38)

espectadores e leitores da mídia, abordando como eles recebem e interpretam os discursos midiáticos. Por fim, as pesquisas de mediação/interlocução visam desenvolver e analisar estratégias didáticas para a formação dos alunos em direção à educação para a mídia, com a mídia e pela mídia.

Diante do surgimento destas iniciativas na área, resta investigar como esses estudos e proposições didáticas têm sido ofertados aos professores de Educação Física escolar, por meio da imprensa especializada. Afinal, como tem sido sugerida a incorporação da mídia nas aulas de EF pelos veículos que desejam apresentar aos educadores as discussões contemporâneas da educação, em geral, e da Educação Física, em especial? É sobre essa perspectiva que desenvolvemos esse estudo.

### **SUGESTÕES PARA O USO/TEMATIZAÇÃO DA MÍDIA/TICS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: A CAMINHO DE UMA NOVA ESCOLA?**

Os dados analisados são do período de junho de 2009 a junho de 2010, em que foram identificadas sete reportagens que se referiam a aspectos de EF e ao uso das TICs. É importante frisar que, das sete reportagens analisadas, três estão presentes exclusivamente no site da RNE. Ainda, sobre tais dados, destacamos que, dentre todas as matérias analisadas, apenas duas fizeram menção direta e explícita em seus títulos à utilização das TICs nas aulas de EF. Nas outras cinco reportagens, o tema foi identificado no decorrer do texto (por vezes de maneira implícita) ou mesmo nas imagens que os compuseram. Esta constatação inicial revela que há uma presença de matérias tratando da relação entre mídia/TICs nas aulas de EF, embora, na maior parte das vezes, esse assunto venha inserido de maneira indireta em matérias sobre outras temáticas que não esta. Reflexões e investigações sobre as relações e possibilidades pedagógicas entre mídia/TICs e EF abordadas com exclusividade ainda são artigos escassos no impresso analisado, o que pode demonstrar uma concepção da mídia-educação mais como tema transversal do que como área de saber específica, que

pode estabelecer contato direto com diferentes componentes curriculares, entre eles a EF.

Para além dessa constatação empírica imediata, foi possível analisar que a maior parte das menções ao uso das TICs, ou da mídia, nas publicações sobre EF atribui um caráter eminentemente instrumental ao seu papel na prática pedagógica da área em questão. Entre as sete reportagens analisadas qualitativamente, cinco (cerca de 71%) referem-se às TICs como ferramentas para consulta, ilustração de situações de táticas/regras esportivas ou como meio para apreciação de alguns esportes e técnicas corporais específicos, desconhecidos dos estudantes. Nessas matérias, nada se identifica sobre a possibilidade de incorporar, à escola e à EF, a cultura midiática e suas diversas facetas (ideológica, política, mercadológica, histórica, cultural etc.) como objeto de estudo e reflexão para uma formação humana crítica. As outras duas reportagens que propõem um uso, com possibilidades críticas e criativas, das TICs na EF fazem-no de maneira pontual, por apontamento de especialistas, e não com uma intenção editorial explícita que vise abordar a ME nessa área do saber.

Nas publicações da seção “Planos de Aula”, denominadas *Saúde e Qualidade de Vida*<sup>11</sup> e *Pesquisa sobre a Cultura de Movimento*<sup>12</sup> (material exclusivo da internet), e na reportagem *Atividade física saudável*,<sup>13</sup> da edição de outubro/2009, são identificadas sugestões que tomam o uso das TICs exclusivamente como fontes de consulta a partir da internet e veículos midiáticos impressos ou televisivos.

O plano de aula *Saúde e Qualidade de Vida* sugere que sejam tratados, nas aulas de

<sup>11</sup> <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/saude-qualidade-vida-atividade-fisica-exercicio-condicionamento-528787.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2010.

<sup>12</sup> <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/pesquisa-cultura-movimento-524227.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2010

<sup>13</sup> <http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/atividade-fisica-saudavel-saude-dor-fadiga-lesao-educacao-504028.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2010.

EF, conceitos e procedimentos básicos sobre atividade física, exercício, saúde, qualidade de vida, e como eles se relacionam, além de propor aos alunos um programa de exercícios físicos. Para a elaboração desse programa sugere-se, na terceira etapa do plano, que os estudantes pesquisem sobre temas relacionados à prática física para apresentação de seminários. Entre os recursos didáticos para essas aulas está previsto o uso de computador com acesso à internet. Nenhuma orientação é, no entanto, sugerida para a realização da tal pesquisa na internet de um ponto de vista reflexivo sobre as especificidades dessa tecnologia, tampouco sobre os possíveis conteúdos a serem encontrados, remetendo essa tecnologia a um papel secundário na formação.

Na mesma direção, encontramos o plano de aula denominado *Pesquisa sobre a Cultura de Movimento*, que propõe a construção de um festival, por parte dos alunos, com exposição, painéis temáticos e demonstrações de lutas, danças, esportes, brincadeiras e jogos. Os materiais para o desenvolvimento dessa atividade são, segundo o próprio texto da revista,

jornais, revistas, vídeos, sites e outras fontes com conteúdo sobre movimento, atividades físicas, esporte, entretenimento, eventos etc. Materiais de registro – papel, canetas, pranchetas, computador, CD, *pen drive*, câmera fotográfica, câmera filmadora, equipamento de som. (REVISTA NOVA ESCOLA, versão on-line<sup>14</sup>).

A título de exemplo, a matéria sugere que o professor ensine uma modalidade de basquete chamada *streetball* a seus alunos e, conjuntamente a essa ação, são prescritas atividades com uso das TICs, tais como:

A turma pode, também, [pesquisar] na internet as regras básicas do

*streetball* e adaptá-las para elaborar um regulamento do campeonato [...] Os grupos devem, também, explorar diversas vias de comunicação e divulgação das atividades para que o trabalho transcorra bem. Ficam como sugestões [...] e-mails, mensagens via celular, telefone, Twitter, Facebook, Orkut e sites de relacionamento em geral. (Ibid.).

As citações acima apresentam o sentido estritamente instrumental ao qual nos referimos anteriormente, em que a tecnologia não se vê alicerçada em um projeto de esclarecimento sobre a presença delas na educação, na vida social ou mesmo no conteúdo abordado, afinal, a modalidade *streetball* proposta, é, ela mesma, fruto de uma cultura midiática, espetacularizada, que transfigura práticas culturais de suas condições de produção original e dos sentidos originais para transformá-la em mercadoria global, conforme denunciavam Horkheimer e Adorno<sup>15</sup> em 1947, no desvelamento do conceito de indústria cultural.

Nos dois casos anteriores, as TICs e a cultura midiática são aparatos que supostamente carregam algo de modernizante para a escola, sob a ótica da tecnologização da sociedade. As propostas com novas tecnologias de comunicação parecem enfrentar, na educação, o seguinte dilema: não ter tecnologias e, portanto, ser obsoleta ou lidar com as tecnologias e, portanto, de forma obsoleta. A questão é que as tecnologias e a mídia, ao serem depositadas na EF, sem qualquer fundamentação educacional, geram uma falsa impressão de modernização do ensino, conforme aponta Pretto (2001, p. 112-13):

Nesta perspectiva o fundamental torna-se a análise das técnicas, no máximo das tecnologias, ganhando importância, apenas, a capacitação operativa dos profissionais da educação. Na verdade, o básico, nessa

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/pesquisa-cultura-movimento-524227.shtml>> Acesso em: 15 jul. 2010.

<sup>15</sup> Para maiores detalhes consultar Horkheimer e Adorno (1997).



perspectiva, é considerar os novos equipamentos como uma natural evolução, às vezes até brusca, dos velhos projetores de slides, retroprojetores ou mesmo dos conhecidos e analisados livros didáticos. Em síntese, busca-se a *utilidade* desses novos equipamentos com uma evidente redução das possibilidades de seu uso.

Em sua relação instrumental com a tecnologia e com a mídia, a escola crê estar acompanhando seu tempo e tornando-se cada vez mais moderna, quando, na realidade, permanecem estáticas as novas possibilidades criativas e expressivas trazidas pela cultura audiovisual e virtual, e, principalmente, permanecem aquém dos diversos discursos lançados cotidianamente pela mídia aos estudantes. As inovações educacionais, portanto, não ocorrem, uma vez que a expectativa de mudança e transformação transfere-se para a tecnologia, e não mais para a formação.

Na edição de outubro/2009, na matéria *Atividade física saudável*, é sugerido que os alunos façam “pesquisas em sites e revistas que abordem o assunto [para evitar dores e lesões nas práticas físicas], como *Boa Forma*, *Men’s Health*, *Women’s Health* e *Runner’s World*”,<sup>16</sup> conforme demonstra a passagem a seguir:

Divida a classe em grupos e peça que cada um deles selecione uma das práticas listadas no quadro durante a etapa anterior. [...] Os trabalhos devem ter duas partes. A primeira, teórica, procurará responder às seguintes questões: qual é a prática? Onde realizá-la? Quem pode praticá-la? Quais os cuidados do praticante? Para que empreendam a busca pelas respostas, indique pesquisas em sites e revistas que abordam o assunto, como *Boa Forma*, *Men’s Health*, *Women’s*

*Health* e *Runner’s World*. (REVISTA NOVA ESCOLA, versão on-line<sup>17</sup>)

Preocupa-nos essa questão, pois a mídia, aqui, é sugerida com a finalidade de apropriação de algumas informações “conceituais” sobre o assunto tratado nas aulas, reforçando as proposições midiáticas, sem, no entanto, examinar criticamente os critérios que subjazem a esses conteúdos, bem como as opções valorativas que eles implicam. A mídia é incorporada como um aporte seguro para as prescrições de uma vida saudável, desconsiderando, novamente, as condições de produção e interesses que sustentam tais publicações. A crença fiel na mídia como fonte de verdade é uma obliteração às possibilidades críticas da ME na perspectiva anunciada por Fantin (2006), visto que é essencial colocar, perante os discursos midiáticos, uma metarreflexão, ou seja, ter consciência da estratégia utilizada pelos meios, e colocar isto em jogo quando se conhece, além de enfrentar tais mensagens com capacidade de questionamento.

Outras duas reportagens também exemplificam a ênfase instrumental, atribuída pela revista analisada, às práticas de uso das TICs na EF, porém com enfoque na apreciação da mídia com a finalidade de apresentação de alguns esportes e técnicas corporais específicos, desconhecidos dos estudantes. Aqui as prescrições recaem sobre os meios audiovisuais, em especial a TV e o vídeo. Nesses casos, verificamos avanços em relação às sugestões anteriores, que incorporam a internet e/ou revista como substitutas do saber científico, sem a devida contextualização, ampliando as possibilidades pedagógicas das/com as TICs.

Da reportagem *Atividades em vídeo nas aulas de Educação Física*, destacamos a seguinte passagem:

O grande recurso tecnológico para as aulas da disciplina é mesmo o ví-

<sup>16</sup> Revista Nova Escola, out. 2009.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/atividade-fisica-saudavel-saude-dor-fadiga-lesao-educacao-504028.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2010.

deo [...]. Com ele, é possível trabalhar as práticas corporais por meio da apreciação. 'Há esportes que são impraticáveis na escola, como canoagem e parapente, mas que podem ser estudados por causa das tecnologias' [...] Preparar uma atividade em vídeo sobre o judô, por exemplo, pode servir para explicar as regras que não ficam claras nas transmissões dos Jogos Olímpicos na TV. [...] A apreciação, entretanto, não é a única alternativa em relação aos vídeos. Pedir que os alunos registrem nesse meio uma apresentação de dança ou uma partida de basquete na escola mostra a eles como avaliar a própria prática. (REVISTA NOVA ESCOLA, versão on-line<sup>18</sup>).

Notamos que a proposição contempla aspectos mais amplos da ME, como a apreciação de modalidades desconhecidas, a possibilidade de análise das práticas corporais presentes no audiovisual e, ainda, a alternativa de produção midiática com os estudantes. Contudo, é preciso ponderar que, nesta e em outras passagens dessa reportagem, a análise das práticas corporais se reduzem ou recaem prioritariamente sobre suas dimensões técnicas, a *performance*, as regras, elementos táticos dos esportes coletivos, embora a ressalva do especialista consultado sobre aspectos culturais que poderiam ser observados. O mesmo pode ser dito a respeito da produção midiática com o objetivo de analisar as próprias práticas.

Não se trata, aqui, de desconsiderar tais aspectos, ao contrário, mas as proposições presentes na RNE não contemplam a relação sintética entre conteúdo e forma, entre meio tecnológico e mensagem, tornando incipientes as possibilidades de formação crítica para a cultura da mídia. No caso específico do judô,

para além das dimensões técnicas, podem-se explorar as questões que a mídia, como indústria do entretenimento, interfere no estatuto dessa modalidade, em seus significados. Por exemplo, a mudança de cor dos quimonos para azul, na modalidade em questão, tem relação direta com interesses midiáticos na cobertura da modalidade, para destacar um dos oponentes e facilitar a apreciação do telespectador. Contudo, tais modificações interferem na significação das próprias práticas, posto que o quimono branco, na tradição oriental, representa a pureza do lutador, entre outras coisas. Portanto, mais do que uma apreciação ingênua, é preciso destacar as interferências que a cultura da mídia pode gerar na condição de seus produtos e seus expectadores.

Além disso, a utilização de vídeos nas aulas de EF não deveria ficar limitada apenas à apreciação de uma cultura esportiva diversa e inacessível, sem uma avaliação criteriosa do sentido que essas práticas assumem na contemporaneidade e no imaginário dos estudantes, permitindo que tal apreciação se transforme em ação pedagógica no desenvolvimento de um tema da cultura corporal de movimento (cf. BETTI, 1994, 2006).

Nessa mesma edição de agosto/2009 há uma *entrevista com o professor/pesquisador da USP, Marcos Neira*, em que ele fala sobre o papel da EF na escola, defendendo que é função da disciplina investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos. Na entrevista, o especialista fala que “a escola não serve para formar atletas, mas para refletir e entender as manifestações culturais que envolvem o movimento”.<sup>19</sup> Apesar disso, em suas afirmações a respeito das manifestações da cultura esportiva, advindas dos veículos midiáticos, podem-se identificar sugestões de uso de vídeos restritas ao seu sentido ilustrativo, como na passagem: “considero válido, por exemplo, um projeto que aborde o *funk* e o *axé* [...] é possível convidar dançarinos ou trazer vídeos para apresentar outras danças,

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/atividades-video-aulas-educacao-fisica-476011.shtml>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

<sup>19</sup> Revista Nova Escola, agosto/2009.

ampliando o repertório da turma” (REVISTA NOVA ESCOLA, versão on-line<sup>20</sup>).

Aqui, contudo, o especialista deixa mais evidente que a influência da mídia pode ser considerada nas intervenções em EF: “o voleibol, por exemplo, mudou seu sistema de pontuação principalmente para se adaptar às transmissões de TV. Essa lógica vale para todas as manifestações corporais, mesmo as mais lúdicas” (Ibid.).

Há avanços, também, ao considerar, nas propostas pedagógicas, os saberes prévios dos estudantes (a experiência de os alunos já irem para a escola e para a aula de EF sabendo sobre o skate pelo que eles veem na televisão sobre este esporte radical), adquiridos por meio da cultura midiática, considerando a possibilidade de ampliação desses saberes.

A relevância em contextualizar as mensagens midiáticas para além de seu uso ilustrativo reside no fato de que esses discursos “contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não” (KELLNER, 2001, p. 10), agindo como mais uma forma de “pedagogia cultural”. Vale ressaltar que esta cultura, produzida e transmitida pela mídia, é uma forma cultural comercial, organizada no modelo de produção industrial, segundo fórmulas, códigos e normas convencionais, embora simplistas.

Neste caso, sendo a mídia, ao mesmo tempo, expressão capitalista e forma de pedagogia cultural, é mais do que necessária a contextualização deste cenário pela educação escolar, instituição com legitimidade social para a formação crítica e emancipatória da cidadania. Caso contrário, a pedagogia cultural, exercida pela mídia, continuará com seus sedutores conteúdos culturais a modelar a demanda dos consumidores e a produção de pseudonecessidades reforçadoras de valores consumistas.

Atualmente, a imagem, por meio da mídia, impõe fortemente seu caráter imediato, sua aparência, ao mesmo tempo em que sua leitura suscita um reflexo da “realidade”. É pertinente notar que, ao fundir-se à industrialização e à ideologia capitalista, esvaíram-se em certo grau as possibilidades formativas das imagens. Este fato parece implicar a perda da integridade perceptiva do ser humano, cada vez mais corrompida pela indústria cultural.

Apesar de uma marcante presença de proposições de usos das TICs de modo eminentemente instrumental (em especial na seção Plano de Ensino, destinada diretamente à intervenção dos professores), em duas reportagens da RNE constatamos indicação de uso das TICs na EF de forma integrada às perspectivas da ME.

A matéria, denominada *Gente Saudável*, da edição 229 de Janeiro/Fevereiro de 2010, versa sobre a necessidade de unir teoria e prática nas aulas de EF para tratar, com os alunos, temas relacionados ao estilo de vida saudável e sua inter-relação com a atividade física. A reportagem traz, ainda, um breve relato de uma experiência pedagógica realizada nessa perspectiva, a título de exemplo. A temática “mídia”, novamente, é tratada a partir da premissa do uso de suas informações como fonte de pesquisa. No entanto, nessa reportagem, além de ser sugerido o uso da internet para obtenção de conceitos, verificou-se a preocupação em destacar uma análise dos produtos midiáticos, conforme revela a seguinte passagem:

É importante também que o docente ajude os alunos a decodificar as informações fornecidas pela mídia. “Temos de ajudá-los a distinguir hábitos saudáveis de sacrifícios para atingir um *shape* [forma/corpo] considerado perfeito”. (REVISTA NOVA ESCOLA, versão on-line<sup>21</sup>).

<sup>20</sup> Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/fundamentos/vez-formar-atletas-analisar-cultura-corporal-487620.shtml>>. Acesso em: 22 jun. 2010.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/gente-saudavel-educacao-fisica-saude-qualidade-vida-528774.shtml>>. Acesso em: 22 jun. 2010.

Embora a RNE tenha apresentado a perspectiva de uma educação para mídia na matéria destacada, por se tratar de um fato isolado e extremamente resumido dentro da reportagem, evidencia-se que a preocupação emergiu mais do especialista consultado pela revista nessa matéria<sup>22</sup> do que de uma intenção editorial em tratar desse tema com a devida seriedade.

Por fim, a última reportagem analisada tratou de um plano de aula, disponível no site da revista, intitulado *Estudando as lutas com recursos tecnológicos*. A matéria propõe o ensino das lutas nas aulas de EF a partir de pesquisa realizada sobre a temática na mídia, sistematização das informações obtidas e realização de práticas, nas aulas, com auxílio de agentes externos à escola, que sejam praticantes de lutas, ou mesmo com o conhecimento dos alunos que tiveram contato com artes marciais. A intervenção prevê, também, filmagens/fotografias de vivências e apresentações dos alunos e a análise das imagens para o reconhecimento e “invenção” de técnicas e táticas pelos estudantes.

Esta matéria é uma das poucas que também se alinham (em maior medida) às premissas da ME, indo além do uso da mídia como recurso técnico. Segundo Betti (2006, p. 106), a utilização de vídeos ou outras TICs nas aulas de EF deve estar inserida “no desenvolvimento de um tema [...] É o tema que deve determinar a escolha da matéria, e não o inverso”, e isto foi observado na matéria em destaque. O uso dos vídeos e informações está a serviço do desenvolvimento da temática “lutas” nas aulas de EF, com intuito de ajudar os alunos a ampliarem seus conhecimentos sobre essas práticas. A matéria ainda destaca que as informações obtidas devem ser analisadas pelos alunos, conferindo um sentido pedagógico crítico e que vise à sistematização do saber

transmitido pelos alunos, fato essencial à mediação educacional prevista na ME. Segundo a matéria, é necessário que:

estimulem os alunos a identificar características como: quem participa, quais as vestimentas utilizadas, como é o local da prática, quais as regras mais importantes, quais as táticas empregadas pelos lutadores, entre outras [...]. A partir das respostas obtidas, promova uma discussão abrangendo as principais características das modalidades representadas. Questione os alunos acerca das origens e dos grupos sociais praticantes. (REVISTA NOVA ESCOLA, versão on-line<sup>23</sup>).

Essa matéria, por fim, prevê que os alunos produzam mídia e busquem novas formas de praticar as lutas, não apenas reproduzindo os modelos midiáticos, o que sugere, claramente, um alimento à busca do desenvolvimento da perspectiva criativa e crítica da ME, e não utilizando os meios tecnológicos apenas como reforçadores das mensagens hegemônicas sobre a cultura de movimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo este estudo, consideramos necessário o tom crítico em relação às reportagens analisadas na RNE por sua abrangência e relevância em território brasileiro e, também, pensando especificamente no contexto da mídia-educação na EF como área do saber que, no contexto escolar, trabalha com a cultura de movimento/cultura corporal de movimento.

Constatamos que, no período de um ano, em apenas sete reportagens, houve referências a possíveis relações entre EF e ME, sendo que, em apenas duas delas houve menção direta, nos títulos, à utilização das TICs nas aulas de EF. Quando apresentou a pers-

<sup>22</sup> No jornalismo, especialistas em temáticas específicas são entrevistados para conferir credibilidade (quase sempre “científica”) aos assuntos tratados. É o que se chama de *discurso de autoridade*.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-fisica/pratica-pedagogica/estudando-lutas-recursos-tecnologicos-479002.shtml>>. Acesso em: 22 jun. 2010.

pectiva de uma *educação para a mídia* em matéria específica sobre EF escolar, julgamos o ocorrido como fato isolado, pois foi a opinião de um especialista consultado pela revista na elaboração da reportagem, e não a intenção do veículo midiático.

Embora a *Revista Nova Escola* esteja trazendo a discussão da temática das TICs também para o âmbito da EF, o que já se configura um avanço em relação às “práticas” pedagógicas deste componente curricular – se pensarmos na tradicional “aula prática”, em que apenas se “joga bola” e que o “professor não fala, só usa o apito” –, é necessário refinar e ampliar este olhar e esta possibilidade de trabalho articulado às TICs em suas diversas formas (internet, análise de mídia impressa, apreciação e elaboração de vídeos etc.), indo ao encontro do que é propagado pela ME em

sua totalidade, não se restringindo apenas às questões instrumentais e técnicas dos usos das TICs, conforme exemplos sugeridos em todas reportagens da RNE.

É necessário, portanto, que a *Revista Nova Escola* assuma um posicionamento mais amplo em relação ao que divulga no âmbito da EF, considerando outras dimensões daquilo que é propagado pela ME, para além do caráter técnico e instrumental das TICs, como, por exemplo, a dimensão ativa, crítica e de produção midiática por parte dos próprios alunos, sujeitos do ensino escolar, que têm nas TICs, diversas possibilidades de usos e significações da *cultura de movimento*, permitindo a formação de sujeitos mais ativos, críticos, criativos e esclarecidos – eixos norteadores da ME – para que os sujeitos escolares tenham, enfim, acesso a possibilidades de uma cidadania real e plena.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, V. et al. Dez anos do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia: análise de percurso e tendências. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO ESPORTIVA, 2., 2008, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG/CEV/Ministério do Esporte, dez. 2008.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELLONI, M. L. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BETTI, M. Imagens em ação: uma pesquisa sobre o uso de matérias televisivas em programas de educação física do ensino fundamental e médio. *Movimento*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 95-120, mai.-ago. 2006.
- BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física? *Discorpo*, São Paulo, v. 3, p. 25-45, 1994.
- BICCAS, M. S. “Nossos Concursos” e “A Voz da Prática”: a revista do ensino como estratégias de formação de professores em Minas Gerais (1925-1930). *Cadernos de História da Educação*, n. 4, jan.-dez. 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/393/374>>. Acesso em: 02 jul. 2010.
- CATANI, D. B; BASTOS, M.H.C. (Orgs.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- COSTA, M. V. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, M. V. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- FANTIN, M. *Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogo Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FERRÉS, J. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- HORKHEIMER, M; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.



KELLNER, D. *A cultura da mídia*. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

KUNZ, E. Cultura de movimento. In: GONZÁLES, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. *Dicionário crítico da Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 2005. p.111-113.

KUNZ, E. *Educação Física: ensino e mudança*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

MEZZAROBBA, C.; MENDES, D. S.; PIRES, G. L. Grandes eventos esportivos, mídia e representações: possibilidades/responsabilidades para a Educação Física escolar. In: DANTAS JUNIOR, H. S.; KUHN, R.; DORENSKI, S. (Orgs.). *Educação Física, esporte e sociedade: temas emergentes*. São Cristóvão: UFS, 2010. p.185-206, v. 4.

NAZARENO, C. et al. *Tecnologias da informação e sociedade: o panorama brasileiro*. Brasília: Câmara dos Deputados, 2006.

PIRES, G. de L. O esporte e os meios de comunicação de massa: relações de parceria e tensão: possibilidades de superação? In: GRUNNEVALDT, J. T. et al. (Orgs.). *Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes*. São Cristóvão: UFS, 2007. p. 77-89, v. 1.

PRETTO, N. D. L. *Uma escola sem/com futuro*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

RAMOS, M. E. T. *O ensino de História na Revista Nova Escola (1986-2002): cultura midiática, currículo e ação docente*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

REVISTA ESCOLA PARA PROFESSORES. São Paulo: Abril, n. 0, 1971.

REVISTA NOVA ESCOLA. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2010.

REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril, n. 01, mar. 1986.

SANTAELLA, L. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

#### **DADOS DOS AUTORES**

##### **DIEGO DE SOUSA MENDES**

(Universidade Federal de São João Del-Rei)  
Mestre em Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

##### **CRISTIANO MEZZAROBBA**

(Universidade Federal de Sergipe)  
Mestre em Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

Recebido: 20/10/2011  
Aprovado: 09/10/2012